



VISÃO DO ENFERMEIRO DA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA SOBRE A FINITUDE HUMANA.

Francielli Cangussu de Lima Volpi¹; Fabricia Tissei Mosso²; Joana Ercilia Aguiar³

RESUMO: Estudo qualitativo, realizado com sete enfermeiras atuantes em unidade de terapia intensiva de um hospital de médio porte da cidade de Maringá, com o objetivo de identificar as percepções e sentimentos da equipe de enfermagem da UTI frente à morte visando compreender como é lidar com a finitude no seu cotidiano. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturada. O presente estudo mostra que a representação da UTI para os profissionais da área de saúde, pode se observar uma ambigüidade sobre este setor, onde para alguns este é um local de recuperação, no entanto para outros representa um local onde existem pacientes muito graves que necessitam de cuidados especiais. Quanto aos sentimentos que eles possuem, em trabalhar na UTI a maioria relataram sentirem-se bem, alguns realizados e outro até mesmo vitoriosos. Já o significado da morte para o enfermeiro que atua na UTI é bastante variável, para alguns significa descanso, para outros um término aqui na terra e uma continuação onde quer que seja, ou como para outros um período de transição. Portanto conviver todos os dias com a morte para a maioria dos enfermeiros é difícil, no então existem casos diferentes e pacientes diferentes, relatam ser mais difícil lidar com a morte de pacientes jovem do que pacientes idosos, que segundo a sua visão acredita ter sido um descanso para ele e para a família. No que diz respeito aos sentimentos dos enfermeiros perante o processo de morte e morrer em sua maioria revelou ser, um sentimento de angústia, perda, impotência e compaixão.

PALAVRAS-CHAVE: Morte e morrer ; Sentimentos; Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

Desde a origem da civilização, a morte é um tema que fascina e ao mesmo tempo amedontra os seres humanos. Embora faça parte do ciclo natural da vida, pois está presente no cotidiano da existência humana, se caracteriza como um assunto polêmico, por vezes evitado e até mesmo negado pela sociedade, mesmo sendo ela a única certeza absoluta no domínio da vida, esta é capaz de suscitar sentimento de incomodo e tristeza (SILVA 2005; LUNARDI 2006). Este fato se deve pois prova ao homem que sua onipotência é questionável.

Portanto sendo entes os mesmos sentimentos que a morte suscita nos profissionais da área da saúde, segundo Smeltzer (2006) afirma que para assistir com segurança os pacientes em fase final da vida e seus familiares, torna-se necessário conhecer as fases que antecedem este momento. Pois o conhecimento destas ajudará os profissionais a entender melhor às reações dos pacientes em fase terminal, portanto

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem. CESUMAR- Centro Universitário de Maringá. Contato: frandracena@hotmail.com (44) 3267-9531

² Acadêmica do Curso de Enfermagem. CESUMAR- Centro Universitário de Maringá. Contato: fabriciatissei@hotmail.com (44) 3224-7109

³ Enfermeira. Mestre. CESUMAR- Centro Universitário de Maringá

melhorando o seu planejamento, oferecendo então uma assistência individual, que supra todas as suas necessidades físicas e emocionais.

Contudo, devido a esta necessidade a psiquiátrica suíça, Elisabeth Kübler-Ross (1998) dividiu este processo em 5 fases: negação que é usada por quase todos os paciente ao saber de sua real situação, sendo essa uma defesa temporária onde o paciente passa a desconfiar de troca de exames ou competência da equipe de saúde, raiva é a segunda fase onde o paciente percebe que não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, surge então a substituição por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento, sendo a barganha a terceira fase, menos conhecido, porém, o mais útil para o paciente, pois é neste momento que ele negocia com Deus na tentativa do adiamento de sua partida final, a depressão quarta fase enfrentada pelos pacientes é quando este não pode mais negar a sua doença, quando se sente vencido por não acreditar mais em uma cura, gerando então um sentimento de perda e vazio, por fim a aceitação é a última fase que o paciente passa a aceitar a sua situação e seu destino.

Segundo Leite (2005) é nesta mesma visão que se passa o cotidiano da equipe de enfermagem na unidade de terapia intensiva (UTI), permeada por variados sentimentos onde a rotina exige capacitação técnico-científica, sensibilidade e preparo para lidar com a perda, dor e o sofrimento. Portanto, é neste âmbito de trabalho que muitos dos profissionais da equipe de enfermagem relatam sentir prazer em cuidar, porém, vivenciam a angústia intensa pelo fato lidar frente a frente com a morte junto aos familiares do paciente.

Shimizu; Ciampone (1999) ressalta que na eminência da morte a enfermeira é solicitada com maior frequência pelos familiares para receber informações ou até mesmo um apoio emocional. Portanto, torna se importante o enfermeiro estar preparado para enfrentar e compreender a morte, haja vista que a morte faz parte de seu cotidiano e compreendê-la é necessário para oferecer assistência adequada à pacientes e os familiares (REZENDE, 2004).

Sendo assim este trabalho teve por objetivo identificar as percepções e sentimentos da equipe de enfermagem da UTI frente à morte visando compreender como é lidar com a finitude no seu cotidiano.

2 MATERIAL E MÉTODO

Pesquisa qualitativa com entrevistas individuais para 7 enfermeiras atuantes em unidade de terapia intensiva de um hospital de médio porte da cidade de Maringá. O levantamento de dados foi executado no período de Julho e meados de Agosto de 2007, sendo aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEc), o roteiro de entrevista constava de cinco perguntas para a coleta de dados empíricos, o que permite a livre expressão e melhor descrição do assunto abordado pelos participantes. A entrevista foi registrada com auxílio de gravador de voz. Após a pesquisa realizada a organização, foram copilados os dados e transcrição das entrevistas para então análise, discussão, e redação final. Neste estudo os preceitos éticos foram cumpridos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo nos mostra através da análise das entrevistas como é de suma importância falar sobre a morte, pois esta se faz presente muitas vezes no cotidiano da equipe de enfermagem da unidade de terapia intensiva, tendo o enfermeiro à tarefa árdua de lidar com ela dia a dia, e ao mesmo tempo oferecer suporte físico e emocional ao

paciente e família. Pode-se constatar a partir das categorias apresentadas as seguintes visões.

Relacionado à representação da UTI para os profissionais da área de saúde, pode-se observar uma ambigüidade sobre este setor, onde para alguns este é um local de recuperação, no entanto para outros representa um local onde existem pacientes muito graves, em seu estágio crônico e até mesmo terminal que necessitam de cuidados especiais.

Quanto aos sentimentos que eles possuem, em trabalhar na UTI a maioria relataram sentirem-se bem, alguns realizados e outros até mesmo vitoriosos, decorrente o que e eles podem oferecer uma assistência mais adequada para aqueles pacientes que precisam. Shimizu; Ciampone (1999), afirma que maioria dos profissionais da equipe de enfermagem sente prazer em cuidar de pacientes que estão graves e que acabam melhorando seu estado de saúde ou até mesmo curando-se.

O significado da morte para o enfermeiro que atua na unidade de terapia intensiva é bastante variável, para alguns significa descanso, para outros um término aqui na terra e uma continuação onde quer que seja, ou como para outros um período de transição. Segundo Kovács (2002) por tradições culturais, familiares e até mesmo pessoal cada pessoa carrega com si sua própria representação do que é a morte.

Portanto conviver todos os dias com a morte para a maioria dos enfermeiros ressaltam ser difícil, no entanto existem casos diferentes e pacientes diferentes, relatam ser mais difícil lidar com a morte de pacientes jovens do que pacientes idosos, que segundo a sua visão acredita ter sido um descanso para ele e para a família.

No que diz respeito aos sentimentos dos enfermeiros perante o processo de morte e morrer em sua maioria revelou ser, um sentimento de angústia por não querer ver o paciente sofrendo, perda, pois muitos chegam a ficar meses na UTI, impotência, incapacidade de tentar reverter o quadro e não conseguir e compaixão.

O cotidiano da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) tem mostrado que a realidade vivenciada pela equipe que atua nela é permeada por variados sentimentos e emoções (LEITE; VILA, 2005). Tais sentimentos como, a impotência, que é decorrente a própria formação, onde aprenderam a cuidar e salvar vidas e não a perdê-las, outro sentimento que se apresenta também é o fracasso que apesar de ser superado em longo prazo, mesmo assim existe devido à falsa idéia de que os profissionais possuem, de que são capazes de evitar a morte a todo custo, outro sentimento bastante citado é a tristeza que os profissionais sentem ao perder um paciente que estava sob seus cuidados a uma longa data (SPINDOLA, 1994).

4 CONCLUSÃO

Devido ao despreparo da equipe em lidar com esta companheira invisível, faz com que os mesmos diante dela sintam-se impotente e fracassado devido ao pouco preparo que recebeu em sua formação profissional que sempre lhes ensinou a lutar pela vida e quase nunca em sua vida pessoal em refletir sobre a morte, portanto torna-se indispensável a discussão sobre o assunto é o melhor preparo dos profissionais atuantes da unidade de terapia intensiva para que ao se defrontarem com a morte, estejam preparada para entender o processo e lidar melhor com cada situação que a morte impõe.

Pois somente a partir do momento que o enfermeiro discute e aceita a morte, o medo e o sentimento de fracasso então passam a não existir e o tratamento torna-se autêntico, levando o paciente a participar das decisões e enfrentar seu fim de forma mais tranquila e serena.

REFERÊNCIA

GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello. *O processo de morrer no cotidiano do trabalho dos profissionais de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva*. Tese (doutorado). São Paulo(SP): Escola de Enfermagem da USP, 2003.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e o desenvolvimento humano*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

LUNARDI, Zélia Maria; CELICH, Kátia Lílian Sedrez. Convivendo com a morte e o morrer e o morrer no cotidiano da Unidade de Terapia Intensiva. *Revista Nursing*, 92(9), Janeiro 2006.

LEITE, Maria Abadia; VILA, Vanessa da Silva Carvalho. Dificuldades vivenciadas pela equipe multiprofissional na unidade de terapia intensiva. *Revista Latino-Americana Enfermagem*, 13(2): 145-50 Março-Abril 2005.

REZENDE, Maristela Soares; KEGLER, André Luiz; GOMES, Diana. Morte: uma certeza que afligindo profissionais de enfermagem, familiares e pacientes. *Revista Técnica - científica Enfermagem-Recenf*, 2(9): 182-9, Maio-Junho 2004.

SHIMIZU, Helena Eri; CIAMPONE, Maria Helena Trench. Sofrimento e prazer no trabalho vivenciado pelas enfermeiras que trabalham em unidade de terapia intensiva em um hospital escola. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 33(1): 95-106, Março 1999.

SILVA, Jorge Luiz Lima. A importância do estudo da morte para profissionais de saúde. *Revista Técnica - científica Enfermagem-Recenf*, 3(12): 363-374, Julho-Setembro 2005.

SMELTZER, SC; BARE, BG. *Tratado de enfermagem médico-cirúrgico*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

SPÍNDOLA, Thelma; MACEDO, Maria do Carmo dos Santos. A morte no hospital e seu significado para os profissionais. *Revista Brasileira de Enfermagem*,47(2):108-177, Abril-Junho 1994.